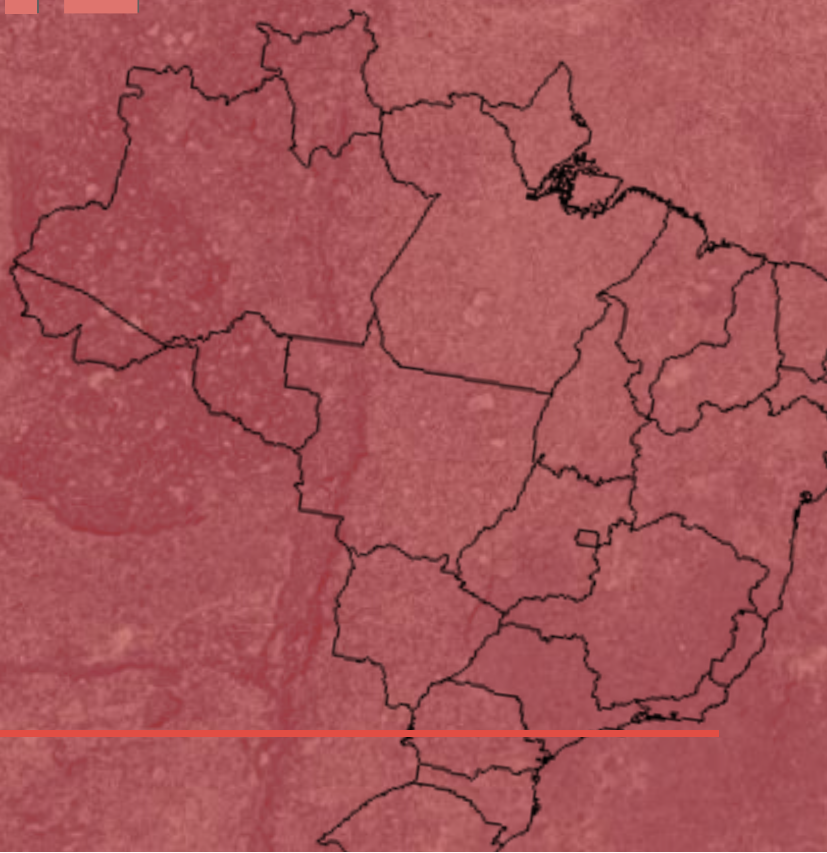
JULHO-SETEMBRO 2022

N°11
BOLETIM
TRIMESTRAL

OBSERVATÓRIO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA E ELEITORAL NO BRASIL



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Centro de Ciências Jurídicas e Políticas - CCJP
Escola de Ciência Política - ECP
Grupo de Investigação Eleitoral - GIEL

Coordenação Geral
Felipe Borba
Cientista político e Coordenador do Grupo de Investigação Eleitoral

Equipe de Trabalho
Miguel Carnevale
Pesquisador de pós-graduação

Pedro Bahia
Bolsista de iniciação científica, Faperj

Robson Nunes
Bolsista de iniciação científica, CNPq

Rodrigo Ananias
Bolsista de iniciação científica, Unirio

Projeto Gráfico
Potentia Assessoria e Consultoria Política

Financiamento
Fundo Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro - Faperj
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

O Conteúdo desse material pode ser reproduzido total ou parcialmente em qualquer forma
e em qualquer meio de comunicação desde que a fonte seja devidamente citada.

Para maiores informações sobre esta publicação, acessar www.giel.uniriotec.br ou enviar correio
eletrônico para giel@unirio.br

SUMÁRIO

04
APRESENTAÇÃO

05
OS NÚMEROS
DA VIOLÊNCIA

06
OS TIPOS
DE VIOLÊNCIA

08
AS VÍTIMAS
DA VIOLÊNCIA

09
OS PARTIDOS
POLÍTICOS ATINGIDOS

APRESENTAÇÃO

Na décima primeira edição do boletim do Observatório da Violência Política e Eleitoral, relatamos os casos referentes ao período entre os dias primeiro de julho e 30 de setembro de 2022.

O terceiro trimestre do ano ocorreu em meio ao início oficial das eleições, em 16 de agosto. A campanha foi marcada por clima inédito de violência política, assumindo dimensões trágicas com a morte de eleitores e militantes políticos.

O medo de insegurança política contaminou grande parte dos eleitores brasileiros. Segundo pesquisa realizada pelo Datafolha, a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 67% dos entrevistados revelaram temor de sofrer violência política e outros 9% admitiram que poderiam deixar de votar por receio de violência no dia da eleição.

Os principais destaques na atual edição do boletim são:

- De julho a setembro de 2022, foram registrados 212 casos de violência - um aumento de 110% em comparação ao trimestre anterior. Também foram reportados quatro casos de violência nos dias 1 e 2 de outubro - véspera e dia da eleição.

- Pelo menos 25 estados contabilizaram casos de violência. Amapá e Acre não registraram episódios.

- São Paulo foi o estado com maior número de casos (30), seguido por Rio de Janeiro (24) e Minas Gerais (22).

- Foram contabilizados 21 homicídios no trimestre, que aconteceram em 14 estados. Destaque para Alagoas e Rio de Janeiro, com três casos cada.

- 29 partidos foram atingidos pela violência. PT aparece em primeiro lugar, com 37 casos, seguido por PSOL (19) e PL (17).

O boletim do Observatório da Violência Política e Eleitoral é uma publicação realizada pelo Grupo de Investigação Eleitoral da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (GIEL/UNIRIO), com apoio financeiro da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

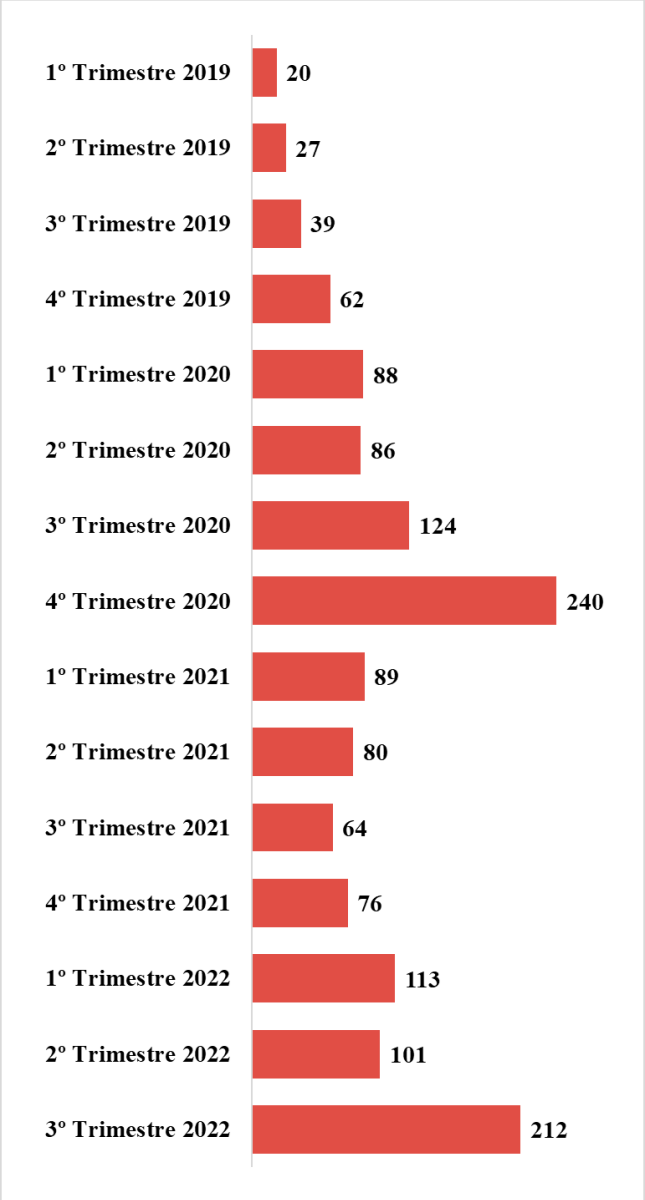
Para conhecer maiores detalhes sobre os objetivos e a metodologia do boletim, convidamos você a visitar a nossa página eletrônica no endereço giel.uniriotec.br.

Contamos com a boa acolhida de nosso boletim pela comunidade científica brasileira e demais interessados. Comentários, críticas e sugestões podem ser encaminhados para o e-mail giel@unirio.br.

OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

No terceiro trimestre de 2022, observou-se um aumento no número de episódios de violência política. Entre julho e setembro, foram registrados 212 casos em todo o país, o que representa um aumento de 110% em relação ao trimestre anterior. Desde o início da contagem, em 2019, alçamos a marca de 1421 casos.

Gráfico 1: Evolução do número de casos de violência contra lideranças políticas

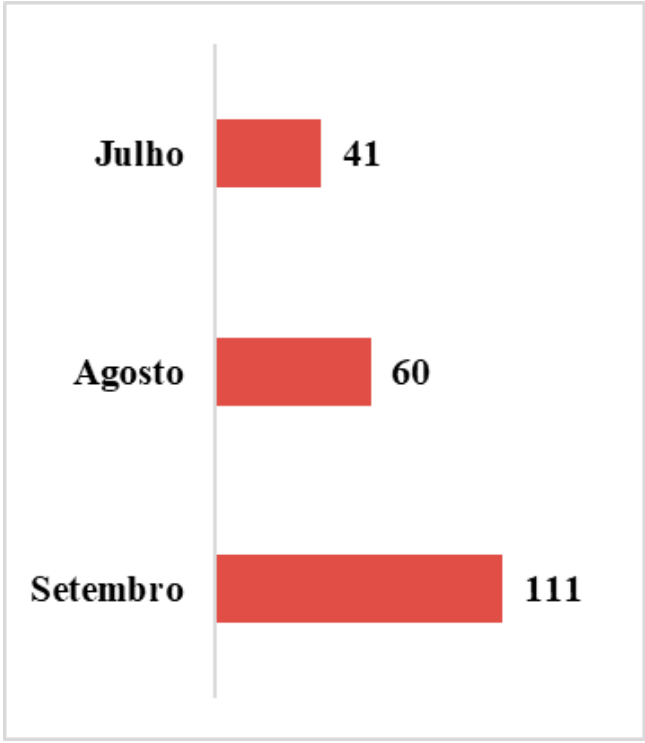


Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Nota-se que o pico de episódios no ano aconteceu justamente no terceiro trimestre, quando ocorreu o período eleitoral. Contudo, comparar o terceiro trimestre de 2022 com o terceiro trimestre de 2020 é inadequado, uma vez que a eleição municipal de 2020, por causa da pandemia de covid-19, foi realizada em novembro - no quarto trimestre.

Ao distribuir os casos pelos meses do trimestre, observa-se uma tendência de alta no número de episódios de violência política com a aproximação do dia da eleição. Enquanto julho registrou 41 casos, o número aumentou para 60 em agosto, e em setembro alcançou a marca de 111 casos.

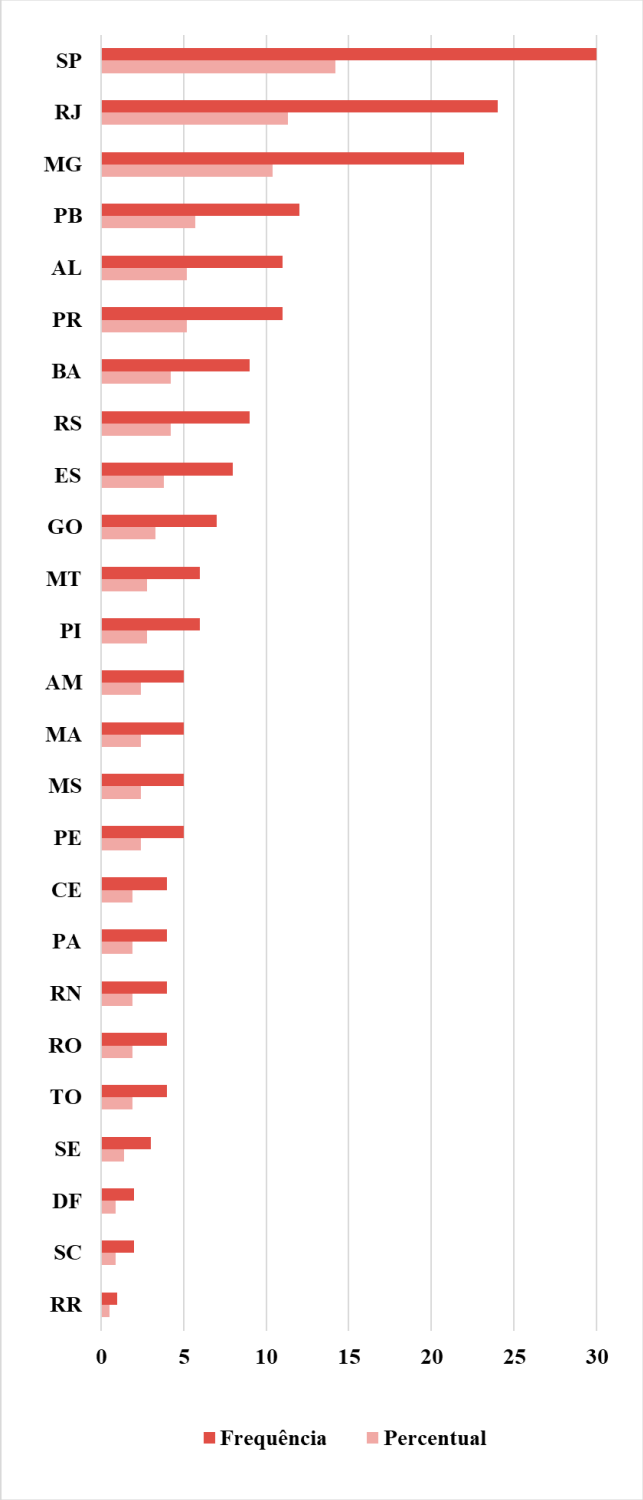
Gráfico 2: Evolução do número de casos de violência contra lideranças políticas por mês



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Entre julho e setembro, foram contabilizados episódios de violência política em 25 estados. A Região Sudeste segue como a mais atingida, com 84 casos (39,6%), seguida pelo Nordeste, com 59 casos (27,8%), Sul com 22 (10,4%), Centro-Oeste com 20 (9,4%) e Norte com 18 (8,5%).

Gráfico 3: Violência contra lideranças políticas por Unidade da Federação (3º trimestre de 2022)



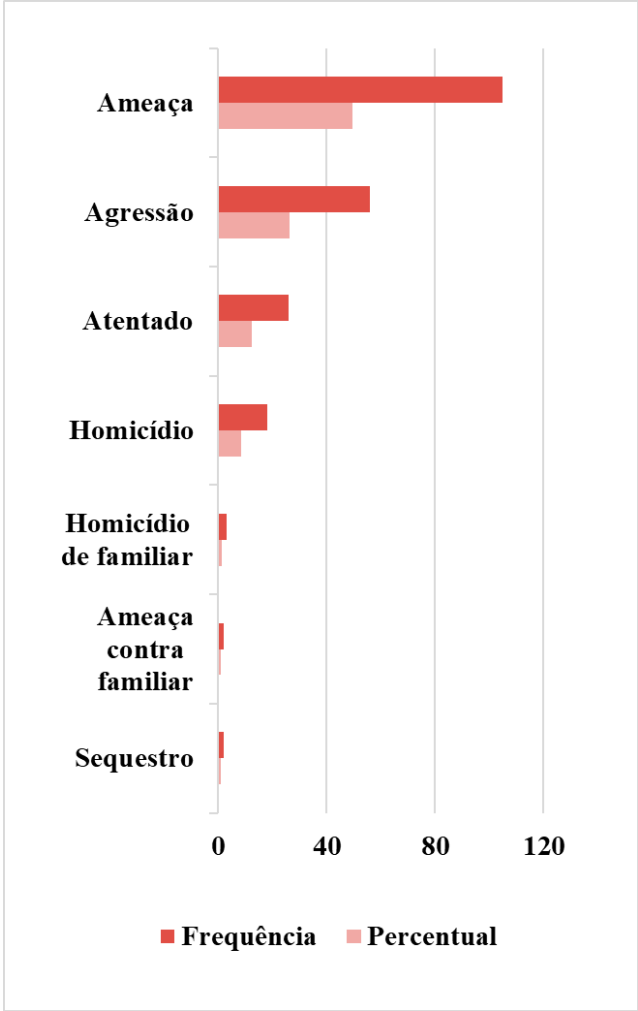
Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

São Paulo, assim como no trimestre anterior, permanece na liderança com o maior número de casos: 30 (14,2%). Em seguida, surgem o Rio de Janeiro, com 24 (11,3%), Minas Gerais com 22 (10,4%) e Paraíba com 12 (5,7). Não foram identificados casos de violência política no Acre e no Amapá.

OS TIPOS DE VIOLÊNCIA

No período, as ameaças se destacam como o principal tipo de violência: 105 casos (49,5%). Essas intimidações ocorreram sobretudo virtualmente, como os casos da vereadora e candidata a deputada federal Duda Salabert (PDT-MG), e da deputada estadual e candidata à reeleição Andréia de Jesus (PT-MG). Ambas receberam diversas ameaças em suas redes sociais ao decorrer da campanha eleitoral.

Gráfico 4: Tipos de violência contra lideranças políticas (3º trimestre de 2022)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Em seguida, surgem as agressões, que acometeram 56 vítimas (26,4%), os atentados, 26 (12,3%), os homicídios, 18 (8,5%), três homicídios de familiares (1,4%), duas ameaças contra familiares (0,9%), e dois sequestros (0,9%).

Os assassinatos aconteceram em 14 estados. Alagoas e Rio de Janeiro lideram o ranking com três episódios cada (14,3% cada). O Rio também lidera no número de atentados, com quatro casos (15,4%), como o da vereadora e candidatada a deputada federal Verônica Costa (PL-RJ) e do candidato a deputado federal Marcus Vinicius (SD-RJ). Ambos sofreram ataques a tiros em seus automóveis.

Tabela 1: Os tipos de violência contra lideranças políticas por estados (3º trimestre de 2022)

	Agressão/ Agressão Familiar		Ameaça/ Ameaça Familiar		Atentado/ Atentado familiar		Homicídio/ Homicídio familiar		Sequestro/ Sequestro Familiar	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
AL	3	5,4	4	3,7	1	3,8	3	14,3		
AM	2	3,6	1	0,9	2	7,7				
BA	4	7,1	3	2,8			2	9,5		
CE	1	1,8	1	0,9			2	9,5		
DF	2	3,6								
ES	1	1,8	4	3,7	2	7,7			1	50
GO			6	5,6	1	3,8				
MA	2	3,6	2	1,9			1	4,8		
MG	2	3,6	18	16,8	1	3,8	1	4,8		
MS			5	4,7						
MT	2	3,6	4	3,7						
PA	1	1,8	1	0,9	1	3,8	1	4,8		
PB	7	12,5	3	2,8	2	7,7				
PE	1	1,8	1	0,9	2	7,7	1	4,8		
PI	2	3,6	3	2,8			1	4,8		
PR	5	8,9	3	2,8	2	7,7	1	4,8		
RJ	6	10,7	11	10,3	4	15,4	3	14,3		
RN			1	0,9	2	7,7	1	4,8		
RO	1	1,8			2	7,7	1	4,8		
RR	1	1,8								
RS	3	5,4	5	4,7			1	4,8		
SC	1	1,8	1	0,9						
SE			2	1,9	1	3,8				
SP	6	10,7	19	17,8	3	11,5	2	9,5		
TO	3	5,4							1	50

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

No que diz respeito as demais formas de violência, foram notificadas ameaças e as agressões em 21 estados, enquanto os atentados em 14, e os sequestros em dois.

AS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA

Mesmo com a realização das eleições nacionais, as lideranças locais, por mais um trimestre consecutivo, se mantiveram como as vítimas mais atingidas. Entre julho a setembro de 2022, 42 vereadores (19,8%), 20 prefeitos (9,4%) e dois vice-prefeitos (0,9%) sofreram algum tipo de violência. Se somarmos esses dados com os funcionários da administração municipal, ex-políticos locais e ex-candidatos a cargos locais, o número sobe para 95 (44,8%). Esse grupo também foi o mais atingido por homicídios – o nível mais letal da violência.

Tabela 2: Perfil político das vítimas (3º trimestre de 2022)

Cargo	N	%
Deputado estadual	3	1,4
Governador	1	0,5
Prefeito	20	9,4
Presidente	1	0,5
Vereador	42	19,8
Vice-prefeito	2	0,9
Total Políticos	**69**	**32,5**
Funcionário da administração estadual	1	0,5
Funcionário da administração municipal	6	2,8
Total Funcionários da Administração	**7**	**3,3**
Ex-deputada estadual	1	0,5
Ex-prefeito	8	3,8
Ex-vereador	7	3,3
Total Ex-políticos	**16**	**7,5**
Ex-candidato deputado federal	1	0,5
Ex-candidato governador	1	0,5
Ex-candidato prefeito	1	0,5
Ex-candidato vereador	8	3,8
Ex-candidato vice-prefeito	1	0,5
Total Ex-candidatos	**12**	**5,7**
Candidato deputado estadual/distrital	33	15,6
Candidato deputado federal	29	13,7
Candidato governador	6	2,8
Candidato presidente	7	3,3
Candidato senador	3	1,4
Total Candidatos	**78**	**36,8**
Pré-candidato a governador	2	0,9
Pré-candidato deputado estadual	7	3,3
Pré-candidato deputado federal	18	8,5
Pré-candidato governador	1	0,5
Pré-candidato presidente	2	0,9
Total Pré-Candidatos	**30**	**14,2**

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Contudo, com a realização da campanha eleitoral, houve um aumento significativo de episódios violentos contra pré-candidatos e candidatos. No trimestre, foram notificados 30 casos de violência contra pré-candidatos (14,2%) e 78 contra candidatos (36,8%).

Os homens continuam sendo as vítimas mais atingidas, com 163 casos (76,9%), enquanto as mulheres contabilizaram 49 casos (23,1%). Em relação ao trimestre anterior, houve um aumento de 7,3 pontos percentuais nos casos de violência política contra lideranças mulheres.

Tabela 3: Perfil social das vítimas (3º trimestre de 2022)

	N	%
Feminino	49	23,1
Masculino	163	76,9
18 a 29	19	9
30 a 39	52	24,5
40 a 49	70	33
50 a 59	38	17,9
60 ou mais	29	13,7
Idade não informada	4	1,9
Fundamental	18	8,5
Médio	55	25,9
Superior	132	62,3
Escolaridade não informada	7	3,3
Branca	108	50,9
Parda	55	25,9
Preta	27	12,7
Outras	5	2,4
Não identificada	17	8

Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral

Em relação ao trimestre anterior, a média de idade das vítimas diminui de 45,9 anos para 45,3 anos. A liderança mais velha tinha 77 anos, enquanto a mais nova, 21. No período analisado, os episódios de violência se concentram nas faixas etárias de 40 a 49 anos (33%) e 30 a 39 anos (24,5%).

Quanto a escolaridade, lideranças com ensino superior representaram 62,3% dos casos do período,

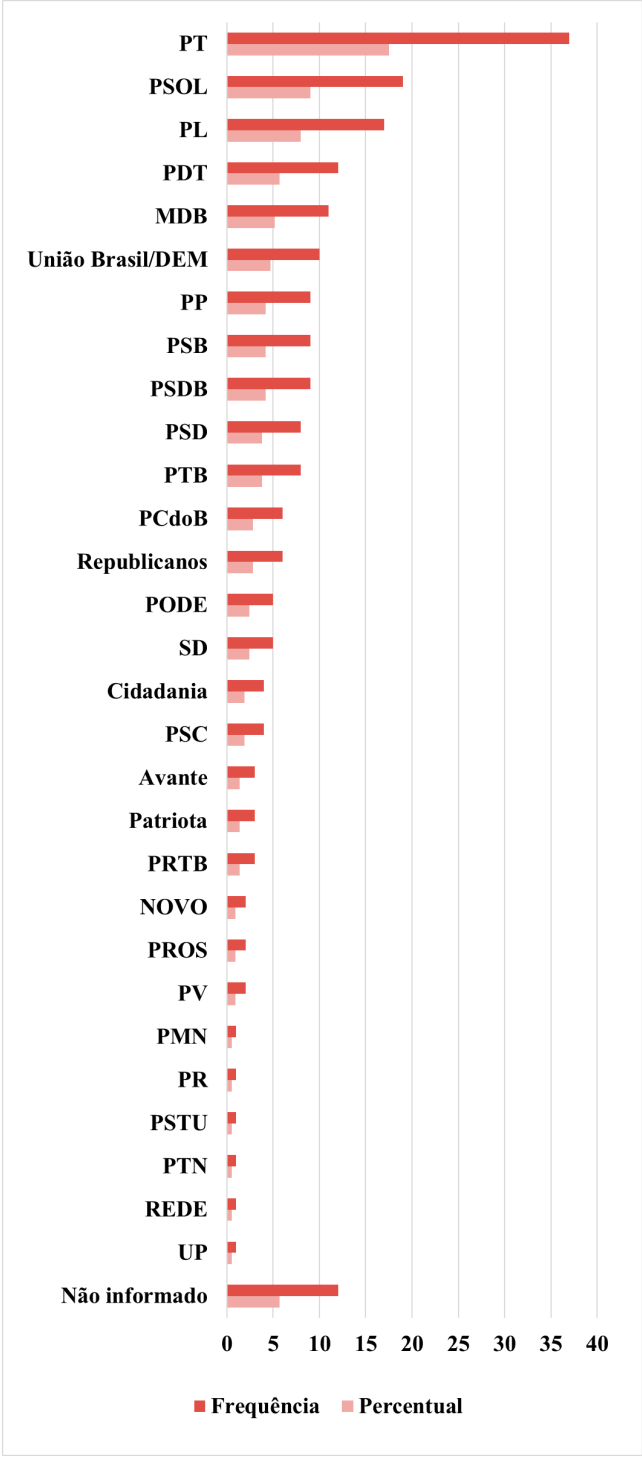
seguido por ensino médio (25,9%), e ensino fundamental (8,5%), e no que se refere a cor/raça autodeclarada das vítimas, 108 lideranças se declararam brancas (50,9%), 55 pardas (25,9%) e 27 pretas (12,7%). No trimestre, chama atenção que 47,6% dos homicídios e 57,7% dos atentados aconteceram contra lideranças pardas e pretas.

OS PARTIDOS POLÍTICOS ATINGIDOS

Lideranças de 29 partidos foram atingidas por algum tipo de violência no terceiro trimestre de 2022. O PT foi o partido com maior número de incidência: 37 casos (17,5%), seguido por PSOL, com 19 (9%), PL com 17 (8%), PDT com 12 (5,7%) e MDB com 11 (5,2%). Não foi possível identificar a filiação partidária de 12 lideranças.

A campanha vitimou sobretudo partidos de centro-esquerda e esquerda, e que polarizaram a disputa com candidaturas presidenciais competitivas (PT, PL e PDT). As ameaças ocorreram principalmente contra políticos do PT, com 27 casos, do PSOL com 17 e do PDT, com 10. Já os homicídios dispersaram mais, com registros no PSD, com três casos, e no PP e Avante, com dois casos cada.

Gráfico 5: Filiação partidárias das vítimas (3º trimestre de 2022)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral